

O ENIGMA DO



podemos crer na bondade de Deus?

JOHN W. WENHAM

CONTEÚDO

	Prefácio à Edição em Português	6
	Introdução: Um Deus Bom?	7
1	Uma Seqüência de Pedras de Tropeço	13
2	O Inferno	27
3	Algumas Soluções Inadequadas	43
4	Aspectos Positivos de um Mundo Deformado: A Liberdade e Seu Preço	50
5	Aspectos Positivos de um Mundo Deformado: A Retribuição Benéfica	59
6	Aspectos Positivos de um Mundo Deformado: Males Aparentes; Bênçãos Reais	74
7	Santos de Segunda Categoria e Leis Imperfeitas?	92
8	As Abominações dos Pagãos	122
9	Maldições	149
10	O Deus com quem Temos de Tratar	174
	Estudo Adicional: A Doutrina do Deus Bom	182
	Notas Adicionais:	
	O Mal no Mundo da Natureza	196
	O Destino da Filha de Jefté	207

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

O assunto é sério e, entre os que pensam sobre ele, não há quem não tenha levantado a questão de como pode existir o mal num mundo criado pelo Deus da Bíblia. Entre os problemas mais desafiantes que o cristianismo tem de enfrentar, não existe um quebra-cabeça mais difícil de ser solucionado do que o enigma do mal.

Recomendamos este livro do Prof. Wenham, devido ao equilíbrio e sabedoria que ele demonstra nesta discussão tão complexa. Quem já sofreu um acidente sério, ou já enfrentou uma grave doença, quer saber onde fica nosso Deus Todo-poderoso e infinitamente bondoso em toda a experiência do mal que a vida proporciona. E o que dizer do sofrimento de animais e crianças inocentes? Neste livro, um dos aspectos mais notáveis é a profundidade bíblica com que o autor harmoniza a bondade de Deus com a manifestação do mal na criação.

O tema de *O Enigma do Mal* é importante, porque com muita frequência os não-cristãos se escondem atrás das pedras de tropeço levantadas pela existência do mal no mundo. Esperamos que as respostas bíblicas sirvam para as perguntas que são feitas e forneçam uma base apologética de alto nível (1 Pe 3.15). Oferecemos mais este livro aos amados leitores, desejando que seja útil para a “educação na justiça” (2 Tm 3.16).

A Deus toda a glória!

Os Editores

INTRODUÇÃO

UM DEUS BOM?

“Considere a bondade de Deus”, diz o professor cristão.

Todavia, quando começamos a reparar na Bíblia, as coisas *parecem* distantes de qualquer bondade.

O Livro contém muitas coisas horríveis. Há tirania, crueldade, mutilação — olhos arrancados, mãos decepadas — engano, licenciosidade, guerra. Não apenas guerra, mas guerra enviada por Deus. A Assíria, uma das mais cruéis nações de toda a história, é chamada de a vara da ira de Deus. Deus é um Deus irado e opera vingança. Um homem é cegado, outro fica mudo, um outro é coberto de lepra, outro cai morto, outro falece em grande agonia, outro enlouquece. Populações inteiras são devastadas por pestes, fome, inundações ou “fogo e enxofre”. Com a plena permissão de Deus, o diabo e um exército de outros espíritos poderosos e malignos invadem a terra, tentando e atormentando as pessoas, até o ponto de roubar a saúde, a riqueza e a família de um homem inocente. Há salmos de imprecação. Há descrições terríveis do inferno, nas quais um homem suplica por um pouco de água para refrescar a ponta de sua língua e nas quais a fumaça do tormento se levanta eternamente de um lago de fogo. Há guerra na terra, guerra no céu e guerra no coração humano.

Lord Platt, escrevendo ao jornal *The Times*¹ a respeito de uma nova tradução da Bíblia (*The New English Bible*, publicada na Inglaterra), afirmou: “Talvez agora que a Bíblia está escrita numa linguagem que todos podem compreender, o Antigo Testamento seja visto como realmente é, uma crônica obscena da crueldade perpetrada pelo homem contra o homem, ou talvez pior ainda, do homem contra a mulher, e do egoísmo e da avareza humanos, com o apoio de sua religião. É uma história de terror como nenhuma outra. Espera-se que esse livro, por ser totalmente inapropriado para o ensino das crianças nas escolas, seja proibido.”

“Considere a bondade de Deus”, diz o professor cristão.

Todavia, quando começamos a reparar no mundo real e concreto, o mundo da história, o mundo contemporâneo em que vivemos, as coisas *parecem* distantes de qualquer bondade.

Há um relato interminável da desumanidade praticada pelo homem contra o próprio homem. Cada período da história tem conhecido a opressão, a tortura e o assassinato de prisioneiros: a Espanha teve a inquisição; a Grã-Bretanha traficava escravos através do Oceano Atlântico; a Alemanha teve suas câmaras de gás; a Rússia, seus campos de trabalhos forçados, na Sibéria. Um mundo destruído pela guerra vive agora debaixo da ameaça protetora da bomba de hidrogênio. Mas esse ainda é um mundo marcado pelo medo, pela concupiscência, pela ambição e pela tensão racial. É um mundo onde o homem comum se sente como um peão de forças irresistíveis e impessoais que dirigem a sua vida. Será concebível que uma bondosa Providência de poder ilimitado esteja no controle de tudo isso? Como Deus pode observar silenciosamente, enquanto as bombas são lançadas sobre cidades indefesas, enquanto as viúvas e os órfãos clamam aos céus por proteção? Como Deus suporta ver as multidões do oriente que, há séculos, vivem na pobreza e se alimentam de migalhas?

Além disso, a maldade humana não parece ser, de modo algum, a única causa da miséria humana. Crianças *nascem* deformadas, tanto física como mentalmente. Elas *herdam* enfermidades; *herdam* tendências à insanidade. Por que Deus permite que uma aflição aparentemente sem propósito acometa o enfermo, às vezes não produzindo purificação, mas uma profunda amargura? Por que permite que um de seus servos fiéis experimente o sofrimento no limite entre a saúde mental e a insanidade? Será que este mundo cheio de animais predadores, de parasitas, de vírus, de bactérias, é obra de um Criador bom? Faz parte do plano de Deus que uma partícula de energia do espaço exterior venha provocar uma mutação terrível num feto? Os homens se encontram num mundo de terremotos e tempestades; num mundo caracterizado pelos cataclismas, onde o luto e a tristeza inconsolável podem chegar sem prévio aviso. É um mundo que tem em comum apenas a expectativa da morte; um mundo que, para muitos, é sem propósito ou esperança, contra o qual há um ódio profundo e desesperado.

Um Deus bom?

É essa a pergunta.

Poderá parecer estranho considerar os aspectos mais difíceis da fé cristã como pontos de partida úteis para uma averiguação sobre o caráter de Deus. Assim mesmo, tal como R. E. D. Clark destacou, de modo tão

decidido, “um princípio geralmente aceito nas ciências é que somente através do estudo do incomum, do estranho e do aparentemente inexplicável, o homem pode progredir rumo a um conhecimento novo. O cientista cuja mente só percorre os caminhos planos das teorias bem aceitas, tem pouquíssima chance de descobrir novos e importantes princípios. Um aspecto importante do método científico é dar atenção às coisas que a ciência não consegue explicar, ou que tem dificuldade de fazê-lo. Só desta maneira será possível descobrir se os princípios conhecidos fazem justiça aos fatos, ou se novos princípios ainda tem de ser descobertos... Frequentemente acontecerá de a boa teoria, baseada em fenômenos que anteriormente pareciam estranhos e incomuns, nos ajudar a compreender o comum e o trivial”.² Este livro começou com um esforço defensivo, com uma atitude de responder a algumas das mais difíceis indagações sobre a Bíblia, mas conduziu a uma compreensão mais aprofundada daquilo que a bondade de Deus realmente significa. Dessa maneira tornou-se uma apresentação positiva do caráter do Deus vivo, aquele com quem temos de tratar.

Num livro escrito anteriormente, *Christ and the Bible* (“Cristo e a Bíblia”),³ é defendida a idéia de que os evangelhos apresentam um relato completo e bem claro acerca da atitude de Jesus diante do Antigo Testamento. (Se os evangelhos não nos dessem uma idéia exata a seu respeito, não disporíamos de base suficiente para nos chamarmos cristãos.) Ele ensinou que a história do Antigo Testamento era verdadeira, que seu ensino tinha autoridade final e que a forma de suas palavras era inspirada. Ele considerava Deus como seu autor, de modo que aquilo que o Antigo Testamento dizia, Deus dizia.

É provável que muitos homens e mulheres pensadores, que (tal como Lord Platt) têm um conhecimento apenas superficial do Antigo Testamento, considerem que esta conclusão provoque uma grande perplexidade. Aliás, talvez até encarem tal idéia com incredulidade e horror. “Você não pode acreditar no Deus tribal do Antigo Testamento, e é monstruoso querer envolver Cristo numa crença dessas.” Ainda assim é aparentemente inevitável a evidência de que Cristo de fato cria dessa maneira. Ao que parece, os cristãos ou devem levar a sério esse fato ou, então, devem esvaziar virtualmente de qualquer conteúdo a afirmação de que crêem em Cristo como seu mestre.

Este livro é escrito para cristãos. Não foi escrito com o objetivo de alcançar o não-cristão que encontra dificuldade em crer por causa do problema do mal, embora se espere que tais pessoas encontrem algo de valor no livro. É um livro para cristãos, mas não para cristãos que estejam procurando respostas fáceis. É pouco provável que respostas fáceis

possam ser respostas certas; respostas que fazem justiça aos fatos só podem ser profundamente perturbadoras. A intenção é demonstrar que, em suas tentativas de entender os caminhos de Deus, o cristão deve evitar respostas fáceis, especialmente aquelas respostas que ignoram os aspectos desagradáveis da Bíblia. Devemos olhar para a *realidade*, encará-la firmemente, até que percebamos que não há saída alguma; até que percebamos que somos crianças, que somos tolos, que somos, lá no íntimo, rebeldes presunçosos e obstinados, para quem tudo dará errado, a menos que estejamos dispostos a desistir de ficar dizendo a Deus como ele deve ser e o que ele deve fazer; até que percebamos que só podemos conhecer aquilo que Deus deseja nos contar. Devemos ouvir e tentar entender.

Deus e a sua revelação não necessitam de qualquer defesa. A apologética, naquilo em que é válida, consiste de duas coisas: esclarecer os mal-entendidos da revelação e revelar os pontos fracos das alternativas existentes à revelação. Estas duas coisas tentaremos fazer da melhor maneira possível, mas teremos falhado em apresentar nossa mensagem caso algum leitor pense que agora tem todas as respostas e que agora “entende” Deus. Uma lição importante a ser aprendida é que o ser humano pecador e finito enxerga obscuramente, como que através de um vidro. No Cristo apresentado na Bíblia, ele chega a enxergar bastante, mas existem inúmeros detalhes que ele não enxerga nem entende. Este livro terá alcançado seu propósito, mesmo que no final seus leitores achem que devem rejeitar muitas de suas explicações falíveis e ignorantes, contanto que ele os tenha levado a considerar Cristo de todo o coração como o seu mestre, e a perceber que qualquer outra autoridade (quer suas próprias idéias, quer as de qualquer outro ser humano) não tem valor algum quando comparada com Cristo.

O raciocínio está elaborado da seguinte maneira: o capítulo 1 mostra que o problema não pode ser solucionado removendo-se as porções desagradáveis da Bíblia, pois esse não é um problema exclusivo do Antigo Testamento, mas também do Novo Testamento; e não é apenas um problema do Novo Testamento, mas a sua origem se encontra de um modo mais destacado na pessoa do próprio Jesus. Jesus, o Novo Testamento e o Antigo Testamento estão todos juntos nesta questão. Além do mais, caso alguém se sentisse tentado a tornar a Bíblia mais liberal através do uso de tesouras críticas, terá um problema adicional, o qual não é solucionável por tais meios fáceis: o problema da Providência. Cada cristão, liberal ou conservador, tem de enfrentar o problema do mal e o problema da maneira de Deus governar o seu mundo. É impossível livrar-se dos fatos da história. Este problema, que surge do mundo real e concreto, e que não permite

qualquer escape, pode fornecer um ponto de partida para um novo exame do problema bíblico.

O capítulo 2 procura atenuar o problema bíblico em seu ponto mais difícil, através de um novo exame dos ensinamentos de Jesus acerca do inferno. O capítulo 3 analisa algumas soluções inadequadas que negam a perfeição tanto da soberania de Deus como de sua bondade.

Os capítulos 4 a 6 sustentam que o problema da Providência e o problema da Bíblia caminham paralelamente bem próximos um do outro, e que nove princípios que nos capacitam a lidar com o primeiro também nos ajudam a lidar com o último. Quando levados a sério, estes princípios (liberdade, dissuasão, punição, retribuição adiada, solidariedade corporativa, limitação do sofrimento, santificação através da dor, expiação, finitude) ajudam a explicar as dificuldades bíblicas.

O capítulo 7 procura demonstrar que o registro dos pecados cometidos pelos homens de Deus reforça o valor da Bíblia, em vez de conspurcá-la, e também que as limitações das leis da Bíblia refletem a sabedoria de Deus, não sua imperfeição. Grande parte do problema não surge pela falta de moralidade na Bíblia, mas pela severidade de seus padrões morais. Esta severidade é vista no fato de que os pecados dos santos são expostos sem qualquer misericórdia, e também na severidade de algumas leis do Antigo Testamento. Nesse capítulo é visto que a incompreensão é fruto de uma falha em reconhecer que uma legislação sábia para uma raça decaída não está interessada em teorias estapafúrdias de como a vida deveria ser num mundo perfeito, mas nas realidades da vida, tal como ela é. Nisto a Bíblia é, ao mesmo tempo, equilibrada e severa.

À luz destes princípios, os dois mais difíceis problemas (a ordem divina para eliminar os pagãos da terra prometida, e as maldições bíblicas) são, então, examinados em alguma profundidade nos capítulos 8 e 9. Também se descobre qual a função desses problemas dentro de uma descrição coerente das atividades de Deus.

O capítulo final mostra como a bondade de Deus pode ser vista em toda sua plenitude através da combinação perfeita de bondade e severidade reveladas em Jesus Cristo. Assim sendo, um estudo dos problemas morais da Bíblia nos conduz ao cerne do teísmo bíblico e, portanto, ao cerne do debate religioso contemporâneo. Num estudo adicional, "A doutrina do Deus bom", é visto como o teísmo bíblico oferece uma pedra de toque dada por Deus para avaliar todas as tentativas de melhorar o ensino da Bíblia. Na verdade, todas as melhorias feitas pelos homens são vistas como deformações. A Bíblia, sem diluições e enfeites,

leva-nos ao único Deus, o Deus que é, o Deus que revelou a si próprio em palavra e ação, o Deus com quem temos de tratar.

NOTAS À INTRODUÇÃO

1. Edição de 3 de março de 1970.
2. R. E. D. Clark, *The Universe: Plan or Accident?* (“O Universo: Pré-concebido ou por acaso?”), 3a. ed. (Exeter, 1961), pp. 7s.
3. J. W. Wenham, *Christ and the Bible* (“Cristo e a Bíblia”; Londres, 1972). Nesse livro também se defende que Jesus não apenas confirmou diretamente o Antigo Testamento, mas que também confirmou indiretamente o Novo Testamento. Nesse livro também se discute a confiabilidade dos ditos de Jesus registrados nos evangelhos.

UMA SEQÜÊNCIA DE PEDRAS DE TROPEÇO

A PEDRA DE TROPEÇO DO ANTIGO TESTAMENTO

Vamos voltar um pouco e analisar esta dificuldade com mais detalhes. Com freqüência tal dificuldade é expressa algo assim: Se aceitarmos a idéia de que todo o Antigo Testamento foi escrito sob a inspiração de Deus e de que sua história e doutrina são verdadeiras, não é certo que isso nos deixará com crenças bem pouco dignas quanto ao caráter e conduta de Deus? Os heróis do Antigo Testamento são profundamente subcristãos. Abraão é um polígamo; Jacó, um covarde, um mentiroso e um avaro; Sansão é um homem lascivo; Jefté aparentemente matou sua própria filha. Davi (um homem “segundo o coração de Deus”) foi um assassino e adúltero. O Deus do Antigo Testamento parece arbitrário, cruel e injusto. Ele é um Deus de vingança, um Deus “ciumento”. Ele transforma a mulher de Ló numa estátua de sal; força Abraão a oferecer seu próprio filho em sacrifício; envia serpentes para picarem os israelitas desobedientes; faz o chão se abrir e engolir Coré, Datã e Abirão; a pedido de seu servo Elias, envia fogo do céu para destruir uma centena de soldados; para vingar Eliseu das crianças que o ridicularizavam, envia um urso para aniquilar quarenta delas. Ele parece ter seus favoritos, preferindo o desprezável Jacó ao viril Esaú. Ele endurece o coração do Faraó e, então, envia-lhe pragas, por este permanecer imutável diante da calamidade. Talvez o mais surpreendente de tudo é que ele ordena o extermínio total, por parte dos israelitas, de todos os homens, mulheres e crianças que moravam na terra de Canaã; Deus não apenas dá essa ordem, mas o Antigo Testamento se dedica a constantemente lembrar o fato de que a desobediência dos israelitas a esta ordem foi uma das principais causas de seus infortúnios

subseqüentes. Acrescente-se a isto a idéia insuportável de que Deus pôs um espírito mentiroso na boca dos profetas de Israel; de que ele inspirou os sentimentos dos que escreveram os salmos imprecatórios (“Feliz aquele que pegar teus filhos e esmagá-los contra a pedra”), e o resultado final será inteiramente incompatível com as idéias cristãs.

Dizem que a única posição que o cristão pode tomar em sã consciência é considerar a Bíblia como o relato do desenvolvimento do homem a partir de concepções falsas e primitivas de Deus até uma compreensão amadurecida e esclarecida. Esse processo faz parte do relato da evolução, a maravilhosa história do desenvolvimento progressivo de um universo, debaixo da mão orientadora de Deus. A Bíblia é um relato bem verídico do que os homens têm *pensado* acerca de Deus. Mas, de outro lado, oferece um relato bem inverídico de como Deus realmente é. As concepções inferiores devem ser constantemente testadas pelas mais elevadas.

Este ponto de vista é apresentado de maneira provocante e agradável por Bernard Shaw em *The Adventures of the Black Girl in her Search for God* (“As Aventuras da Jovem Negra em sua Busca de Deus”), escrito durante o auge do liberalismo. Ele diz:

O estudo desta história do desenvolvimento de uma hipótese, a partir de uma idolatria selvagem até uma metafísica bem elaborada, é algo tão interessante, instrutivo e confortador como qualquer outro estudo pode ser para uma mente aberta e um intelecto sincero. Mas pomos tudo a perder com essa atitude indolente e indecente de não jogar fora a água suja quando obtemos a água limpa. A Bíblia nos apresenta uma sucessão de deuses, cada um dos quais representa uma melhora significativa em relação ao deus anterior, assinalando uma Ascensão do Homem a uma concepção mais nobre e mais profunda da Natureza, em que cada passo envolve uma purificação da água da vida e conclama a um completo esvaziamento e limpeza do utensílio, antes de ser novamente enchido por água fresca e mais pura. Todavia, desperdiçamos a bênção simplesmente por atirmos a água da nova fonte para dentro do conteúdo do recipiente velho e sujo, e repetimos esta tolice até que nossas mentes se encontrem numa tal condição de imundícia que passamos a ser objetos de piedade para os ateus de mente superficial mas lúcida, os quais se satisfazem sem metafísica e conseguem enxergar em tudo isto apenas confusão e absurdos.¹

Muitas pessoas acham difícil harmonizar a crença na bondade de Deus com a presença de tanto mal no mundo.

Mesmo que recorram à ajuda da Bíblia, elas apontam para os problemas morais levantados não apenas pelo Antigo Testamento, mas também pelo Novo: por exemplo, guerras, doenças, fomes, salmos imprecatórios e terríveis quadros de inferno e tormento.

Em vista destas coisas, como podemos afirmar que Deus é bom?

O Enigma do Mal começou como uma tentativa do autor no sentido de responder a algumas destas difíceis questões morais sobre a Bíblia. No processo de escrevê-lo, ele alcançou uma compreensão mais profunda sobre o que significa a bondade de Deus, mesmo diante da presença do mal.

JOHN W. WENHAM, M.A., B.D., (1913-1996) foi um grande estudioso da Bíblia. Dedicou sua vida ao trabalho acadêmico e ao pastorado. Foi diretor da *Latimer House*, em Oxford, Inglaterra. Seus filhos Gordon Wenham e David Wenham são também notáveis teólogos.